
Sem palco nem palanque? Apontamentos sobre as figuras do herói e do bufão no imaginário da política brasileira *

Sandra Fischer**

Aline Vaz***

Resumo: O artigo trata de procedimentos estéticos relacionados, nos termos da sociossemiótica, às construções figurativas do bufão e do herói (Landowski, 2002), a partir da seleção e da análise de imagens de opositores políticos divulgadas em redes sociais ou veículos jornalísticos. Em 2018, Jair Bolsonaro, então candidato do *Partido Social Liberal* (PSL), fez uso de uma estética atrelada ao doméstico e ao improvisado, 'dando-se a conhecer' na expressão do bufonismo, de modo isolado e em oposição ao lulismo, fenômeno político de esquerda representado pela figura de Luiz Inácio Lula da Silva, líder do *Partido dos Trabalhadores* (PT), que constrói uma estética do 'ser e estar junto' em ações coletivistas, associando-se aos preceitos do heroico. O estudo apresenta reflexões concernentes ao *imaginário bolsonarista* em contraposição ao *imaginário lulista*.

Palavras-Chave: Brasil; bolsonarismo; lulismo; bufão e herói.

* Doi: <http://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.178031> .

** Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom-UTP), PR, Brasil. E-mail: sandrafischer@uol.com.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7891-6420> .

*** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP), PR, Brasil. E-mail: alinevaz900@gmail.com . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2416-200X> .

Introdução: bolsonarismo x lulismo

A maneira como vemos o outro é sempre atrelada a um determinado imaginário. Essa imagem alheia pode funcionar, assim, como uma espécie de espelho constituído de experiências vivenciadas particular ou coletivamente, permitindo-nos atribuir a pessoas ou situações uma miríade de qualidades, atributos e características das mais diversas naturezas que podem ou não coincidir com a realidade. Não obstante a possibilidade de se dizer meu ou seu imaginário, “quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o seu imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido” (Maffesoli, 2001, p. 75). É, portanto, “o estado de espírito de um grupo, de um país, um Estado-nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (Maffesoli, 2001, p. 76). É por meio da interação que ideologias são compartilhadas e imaginários são construídos, fortalecendo discursos que nascem da sensibilidade comum e tornam-se representativos de uma aura que impregna os múltiplos grupos sociais.

Na contemporaneidade, nossas relações subjetivas e intersubjetivas com as coisas e com os acontecimentos, apreendidos mediante a visão que nos é deles oferecida, definem-se, nos termos do semioticista Eric Landowski (2004, p. 32), pela “intermediação de imagens difundidas e primeiramente recolhidas, fabricadas ou, ao menos, formatadas pelas mídias”. Ao debate público e ideológico sucedeu-se a “propagação de um manto de imagens que lustra e unifica uma visão comum do mundo, à qual somos instigados a aderir, a crer, a aquiescer, pelo menos com o olhar” (Landowski, 2004, p. 32).

Onipresente, a imagem acaba sendo revestida de caráter preponderante nos diversos âmbitos sociopolíticos, estabelecendo consensos difusos no que concerne a construções factuais e definições valorativas:

Se, da publicidade comercial à comunicação política, essa espetacularização generalizada não pode pretender, por si mesma, nos fazer compreender melhor o mundo (e muito menos explicá-lo, criticá-lo ou reformá-lo), ela se dedica em contrapartida a nos “fazer vê-lo”, e, mais que isso, a nos fazer vê-lo, supostamente, “tal como ele é”. (Landowski, 2004, p. 32)

No que concerne ao registro fotográfico, Landowski (2004, p. 39) aponta que ele serve “para ‘identificar’ pessoas pela referência à sua imagem previamente gravada”. O manto imagético, a cobertura visual que mediatiza nossa apreensão do mundo, presta-se a ser oportunamente utilizada, entre outras, por figuras políticas que buscam construir uma imagem pública, para além do que o pesquisador chama de clichê antropométrico, que seria o registro do corpo que “temos” (tamanho, cor dos cabelos, forma dos olhos etc.). O objetivo é mediatizar

o “flagrante delito”, manifestando o corpo que “somos”, ou seja, seria a imagem de um sujeito reconhecido “a partir do momento em que o vemos entrar em relação com um ‘objeto’ qualquer, quer se trate do mundo que o envolve, de um parceiro, ou até, no limite, simplesmente dele próprio” (Landowski, 2004, p. 48).

A imagem do sujeito-enunciante poderá, então, tematizar envergaduras temporais de pensamentos e referências culturais, assim como “a extensão do espaço no qual ele se gaba de exercer momentaneamente seu império, graças a um enquadramento adequado da tomada de cena e a uma perspectiva habilmente calculada” (Landowski, 2004, p. 49). Por meio da fotografia, o sujeito-enunciador, se dá a ver “não exatamente como ele é, ou crê ser, mas conforme a imagem que ele desejaria que o outro tivesse de sua pessoa” (Idem, p. 56). Caberá ao observador, portanto, interpretar os efeitos de sentido que a imagem pode comunicar.

Originado no bojo do recrudescimento do neoliberalismo, que tem dado o tom à cena política no país desde as eleições presidenciais de 2018¹, quando Jair Messias Bolsonaro saiu vitorioso das urnas e fez jus ao cargo de Presidente da República Federativa do Brasil, o imaginário bolsonarista – composto por um conjunto de alegorias, representações discursivas e relações imagéticas entrelaçadas – alicerça-se em narrativas e estéticas fortemente associadas ao populismo (Laclau, 2013; Mudde; Kaltwasser, 2017). Entretanto, como ressalta Geder Parzianello (2020), apesar das marcas populistas observáveis na figura de Bolsonaro, particularmente evidenciadas pela frontal rejeição ao poder vigente, considerando que “[...] o populismo se apresenta como subversivo [...] para uma reconstrução mais ou menos radical de uma nova ordem sempre que a ordem anterior foi abalada” (Laclau, 2013, p. 255), seria imprudente categorizá-lo apressadamente como um político efetivamente populista – tal afirmação estaria associada aos modelos clássicos e pejorativos do conceito. Aqui, quando associamos a figura de Bolsonaro ao populismo, falamos de uma figura que se dá a ver como tal, mas não está intrinsecamente subordinada ao conceito populista, já que nem sempre age, conforme atenta Geder Luis Parzianello (2020), em prol dos anseios de toda uma população, pois o antagonismo entre *eles* e *nós* pode esbarrar em uma governança para os *seus*.

A faceta populista atrelada ao perfil de Jair Bolsonaro associa-se ao *imaginário do bufão*, aqui compreendido nos termos da figura política descrita em estudos sociossemióticos desenvolvidos por Landowski (2002). Dedicado a cultivar as características do vedetismo na política, o bolsonarismo estaria a promover a abusiva excentricidade do bufonismo. No estilo que costuma

¹ O neoliberalismo nas sociedades ocidentais introjeta-se em uma racionalidade inclinada a comprimir salários e gastos públicos, reduzir direitos adquiridos e enfraquecer mecanismos de solidariedade, priorizando “disciplinar a mão de obra, baixar o custo do trabalho e aumentar a produtividade” (Dardot; Laval, 2016, p. 199).

caracterizar o dito *mau-gosto* reside, talvez, uma intenção: tornar-se oposição a uma dada estética vigente (atrelada, no caso, principalmente ao petismo). O bolsonarismo (figurativizado por Jair Bolsonaro, que se empenha em não criar uma identidade partidária e apoia-se na célebre asserção “meu partido é o Brasil”²) passa a ser visto como o oposto – e a negação – do petismo (primeiramente, como demonstraremos, assentado na figura de Lula; posteriormente, com a candidatura de Fernando Haddad à presidência da república, no imaginário *Lula é Haddad / Haddad é Lula*).

O imaginário lulista³, por sua vez, em certa extensão, assenta-se na figura heroicamente caracterizada de Lula ocupando o lugar, primeiramente, de sindicalista e, posteriormente, de Presidente da República – o ser e fazer além da própria pessoa, numa mobilização que o constitui como corpo social configurado no nordestino, metalúrgico, apoiador das causas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Nota-se que o herói mediador integra um “ato político vivido coletivamente no modo passional, algumas vezes de maneira pontual, por vezes num período mais prolongado, à maneira de uma verdadeira gesta política” (Landowski, 2002, p. 196), modulando uma experiência coletiva e patêmica dada por crenças e gostos comuns, carregada de memória: “O herói, para impor-se como tal, deve por conseguinte beneficiar-se de uma conjuntura que lhe permita figurar ao mesmo tempo tanto o ‘ser’ como o ‘fazer’ da coletividade [...] capaz de dizer o estar junto através do discurso de uma ação comum” (Landowski, 2002, p. 200).

Assim como o herói descrito por Landowski, Bolsonaro se constitui como uma figura popular; o imaginário bolsonarista, por sua vez, poderia ser orientado a partir desta ótica heroica – não fossem suas qualidades bufonescas, conforme veremos adiante no estudo. O bufão, para o semiótico (tal qual uma outra figura, a *vedete*), está englobado na categoria da sedução: seriam, portanto, ele e a vedete, os cosmeticistas da política, assumindo a empreitada de:

recolocar a política ‘no gosto do dia’, reensinando os homens políticos a ‘comunicar’. Posto que o espetáculo político, representado segundo as formas clássicas, não consegue mais reter a atenção do público, é preciso com efeito inventar um novo

² A camiseta com o *slogan* foi amplamente usada em sua campanha; o portal UOL (2018) destacou que a frase “estampava a camiseta que Jair Bolsonaro usava no dia em que sofreu um atentado a faca, em setembro, e foi adotada como mantra por seus seguidores em manifestações pelo país. Ao se desvincular de um partido e apostar no nacionalismo, Bolsonaro surfa na onda de descrença com a classe política”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/09/campanha-de-bolsonaro-recria-camisa-com-sangue-e-deve-exibir-facada.htm>.

³ Não temos aqui a intenção de examinar o lulismo: há diversas, amplas análises aprofundando a questão, como a de André Singer na obra *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador* (2012). Tampouco estamos atribuindo ao lulismo ou a suas lideranças o caráter heroico aqui destacado – o que seria ingênuo e reducionista. Em razão de nossa proposta analítica e do recorte definido, optamos por dirigir nosso olhar aos *elementos estéticos* que conformam as figuras de Lula e de seus aliados – tratados a partir da perspectiva do “heroísmo” e do “bufonismo” estabelecida, como já mencionamos, pelo semiótico Eric Landowski (2002).

regime de relação entre atores e espectadores [...]. Tirando partido deliberadamente da indiferença, da rejeição, quando não da repugnância que o funcionamento tradicional do sistema representativo supostamente provoca, doravante, numa fração crescente do público, é a essa classe de decepcionados que eles se dirigem. E para fazê-lo, instalam-se taticamente no único papel que resta: aquele de bufões da política – sem nem por isso, evidentemente, renunciar a tirar disso, politicamente apesar de tudo (e esse será o paradoxo), certos lucros. (Landowski, 2002, p. 202)

Herói e bufão poderão, por algum tempo, assemelhar-se pela popularidade. Mas o ‘estar junto’ atrelado ao heroico, dimensionado pela ação coletiva do *ser* e *fazer*, difere-se do ‘estar junto’ integrado ao bufão – que sobreviverá enquanto a rejeição de seu adversário for capaz de unir e reunir o maior número de adeptos. O homem heroico consolidará laços de identificação a partir de uma causa, uma ideologia, uma construção comum. O homem bufonesco será dedicado a criar elos pela negação de uma causa, um ideal, um líder, na busca de promover uma *desconstrução* comum. Logo, então, teríamos um imaginário – que há muito teria sido habitado por crenças e objetivos comuns – ressignificado por repulsões coletivas imediatas. A sociedade dividir-se-ia, nessa perspectiva, entre aqueles que incensariam o imaginário lulista e aqueles que o profanariam: um cenário desmembrado entre *Lulistas* e *Bolsonaristas*.

A partir dessa vertente, o presente trabalho, integrado a um projeto de pesquisa sobre *Imaginário, política e modos de se dar a ver*, propõe-se a discutir os *modos de se dar a ver*⁴ do imaginário bolsonarista em contraposição ao imaginário lulista – associado à figura de Lula e transmitido ao candidato presidencial Fernando Haddad⁵. Trataremos de apresentar a estruturação de nossa investigação analítica por intermédio dos preceitos semióticos que se desenham orientados por elementos contrários e contraditórios (Greimas; Courtés, 1979), na premissa de que, a partir de estéticas constitutivas de modos de se dar a ver opostos, promove-se a negação do sistema político vigente⁶, representado pelo Partido dos Trabalhadores (o petismo já em crise), e alardeia-se a necessidade de uma solução alternativa – caracterizada, no caso, pela

⁴ Pensamos nos modos de se dar a ver com base nos preceitos apresentados e discutidos por Eric Landowski em *A sociedade refletida* (1992), articulando os “regimes de visibilidade” que se constituem entre os “domínios respectivos da ‘vida privada’ e da ‘vida pública’, especialmente quando se refere à mistura entre os ‘verdadeiros problemas’, em outras palavras, dos negócios ‘públicos’ que, sob a influência do ‘marketing’ e das ‘mídias’, são transformados em discurso de sedução” (1992, p. 85).

⁵ Trazemos, neste estudo, imagens midiáticas que ressaltam o caráter ‘coletivo’ da campanha de Fernando Haddad – em contraposição a imagens da campanha de Jair Bolsonaro, em geral marcada pelo isolacionismo. Uma análise focada especificamente na campanha eleitoral de Haddad, em fusão [tentativa] com a figura de Lula pode ser recuperada no estudo *BRASIL - ELEIÇÕES 2018: apontamentos sobre o imaginário ‘Lula é Haddad, é o Povo’* (Fischer; Vaz; Prado Junior, 2019).

⁶ Tal negação será observada no presente estudo a partir: 1) do vasto e publicamente conhecido repertório prévio de manifestações bolsonaristas; 2) das análises de imagens amplamente difundidas das lhas são, apesar de não referenciarem diretamente as posições antissistêmicas, esteticamente alusivas. Ou seja, nota-se a construção de uma imagem pública em detrimento de outra, assim figurativizando um caráter opositivo que produz significações e efeitos de sentidos determinantes.

exaltação de uma autenticidade que frequentemente resvala em direção à impertinência grosseira, ao grotesco (o bufonismo)⁷. Como *corpus*, selecionamos imagens fotográficas de Jair Bolsonaro e de seus principais oponentes petistas, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad, publicadas em redes sociais e/ou veículos jornalísticos no ano de 2018, desde a prisão de Lula em 07 de abril até a primeira coletiva de imprensa de Bolsonaro, realizada no dia 01 de novembro, após ser eleito. As imagens foram elencadas devido à ampla divulgação e repercussão midiática que tiveram na época, além da potencialidade de construir sentidos opositivos em relação aos imaginários bolsonarista e lulista – o que nos permite examinar, em bases semióticas (na justaposição entre o plano da expressão e o plano do conteúdo), os recursos estéticos e sensíveis utilizados nos processos de midiaticização destes políticos; recursos que, por sua vez, contribuíram para a construção da figura pública de cada um deles. Desse modo, faz-se possível analisar, nos moldes de Jacques Fontanille (2014), crenças, sentimentos e atitudes da sociedade posicionada frente às suas expressividades, numa teoria da linguagem associada à noção de “forma de vida”.

1. O imaginário *bufonesco* conformando o social nas redes bolsonaristas

A imagem midiática de homens e mulheres no exercício de suas funções como postulantes ou detentores/as de cargos públicos revela, numa perspectiva semiótica, processos de construções identitárias e de projeções do *si mesmo* e do *outro*. As imagens em *flagrante delicto*, conforme define Landowski (2004), colocam em cena os corpos em estado de comunicação, possibilitando vermos “ao mesmo tempo o tipo de relação que tais sujeitos mantêm com seu próprio corpo e, por meio dele, a maneira como vivem naquele instante sua relação com o mundo e, em primeiro lugar, com os outros [...]” (p. 52). Assim, a imagem do sujeito enunciante exerce “um papel essencial no plano social e até mesmo político como meio de formação de um consenso difuso sobre a própria construção dos fatos e a definição de valores” (p. 32), como já apontamos anteriormente; no jogo político, portanto, articula-se simultaneamente na pele do governante e na do governado; e as plataformas de governo propostas pelos

⁷ Ressaltamos que embora estejamos centrando o foco analítico no fenômeno de polarização que acontece no Brasil de 2018, não há aqui o intuito simplista de reduzir a popularidade bolsonarista à rejeição ao Partido dos Trabalhadores e ao repúdio ao lulismo; temos ciência de que a sobrevivência ou não do bolsonarismo está atrelada a uma diversidade de fatores complexos e entrelaçados. Respeitando o recorte temporal estabelecido em nossa pesquisa, optamos por não nos atermos a outros momentos relevantes da história política vivenciada no pós-eleições de então (como o da soltura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o da aferição do percentual de aprovação de Bolsonaro desde a chegada ao poder). Futuramente, dando continuidade ao projeto investigativo, será possível analisar se os arquétipos do bufão e do herói subsistem no imaginário popular, como se atualizam ou não no contexto político do país. No processo de dissecação do imaginário bolsonarista em contraposição ao imaginário lulista, no conjunto de questões políticas e ideológicas passíveis de exame, ainda diversos elementos significativos terão necessariamente de ser considerados, tais como, por exemplo, as dimensões atinentes ao apoio do mercado e setores hegemônicos da igreja evangélica e à articulação entre liberalismo e conservadorismo.

aspirantes ao poder ou por seus titulares trabalham com representações *de um* determinado povo – sempre na busca de “deixar-se conhecer, saber abrir-se suficientemente para dar a cada um o sentimento de que ele o ‘conhece’” (2002, p. 190), de se tornar popular e angariar simpatizantes que se traduzam, ao fim e ao cabo, no número de votos que necessita.

No caso de Bolsonaro – o sujeito semiótico em tela –, é possível constatar que a construção da fachada⁸, na usual tentativa de conquistar grande adesão proveniente do sentimento de familiaridade que se instaura na campanha de si mesmo, procura fazer dele uma figura peculiarmente popular, vivenciando um cotidiano que se dá a ver inteiramente destituído de sofisticação ou refinamento – uma figura apegada a hábitos quase humildes, talvez mesmo avessa aos holofotes. *Gente como a gente, o homem da porta ao lado*. Para que as mensagens emitidas por tal destinador surtam o efeito por ele almejado, essa construção, parece-nos, exige, paradoxalmente, que se criem em sua figura as condições propícias à sugestão de que ali não há mediação de nenhuma espécie, e de que naquele rosto a máscara, enquanto simulação, se um dia existiu, desabou por completo. A indução à ideia de autenticidade, como construção do discurso na apresentação de si, contribui decisivamente para envolver o destinatário (os potenciais eleitores) numa sensação de desnudamento, de que não há, da parte do primeiro, qualquer barreira entre o privado e o público.

No recorte de nossa análise, selecionamos imagens publicadas primeiramente na rede *Instagram* e posteriormente replicadas em matérias jornalísticas. Imagens cotidianas que, midiaticizadas e vastamente divulgadas, acabam alcançando não apenas seguidores do então candidato Jair Bolsonaro no *Instagram*, mas também pessoas que eventualmente acessam suas postagens (e, conseqüentemente, inteiram-se de seus momentos tidos como privados) por intermédio de diversos outros veículos de comunicação.

A primeira delas (ver Figura 1), publicada em 19 de outubro de 2018 na rede social mencionada, apresenta o então candidato acomodado à mesa do café da manhã, trajando bermuda e camiseta. Dois pedaços de pão, diretamente em contato com a madeira da mesa desprovida de toalha ou cobertura, repousam junto a um aparelho de telefone celular, próximos a uma lata de leite condensado aberta; nada de xícaras, pires, pratos: espalhados a esmo, talheres soltos, uma peça de queijo, pote de açúcar, alguns respingos do leite. Sentado, pernas abertas e mãos ocupadas com uma garrafa térmica de plástico preto, Bolsonaro está prestes a despejar café em um copo de vidro transparente incolor, aparentemente o popular ‘copo americano’. Elogiada por mulheres que conectam a imagem do candidato à figura de seus maridos ou companheiros (ver Quadro

⁸ Erving Goffman (2002, p. 29) chama de *fachada* “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

1), em 07 de janeiro a foto já havia sido contemplada com 1.224.229 curtidas e 64.279 comentários enaltecendo a simplicidade, a disponibilidade em compartilhar intimidades e trivialidades cotidianas com o povo (postura que seria tida como a de uma pessoa de *verdade* – enquanto a posição de seus oponentes seria matizada pela *dissimulação*).

Figura 1: Café da manhã de Bolsonaro.



Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro.

Quadro 1: Comentários de seguidores.

Seguidora 01 Gente o leite derramou na mesa e a faca esta espetada no queijo... simplicidade...Amo isso no Senhor PRESIDENTE...

51 sem 1 curtida Responder

Seguidora 03 Adorei essa cena kkkkk parece meu marido reclamo com ele pq bota o pão em cima da mesa e ele tb é militar

61 sem Responder

Seguidora 02 Que pessoa simples, que máximo compartilha momentos com seu povo! Pessoa de verdade! Sou fã incondicional!

58 sem 2 curtidas Responder

Seguidora 04 @jairmessiasbolsonaro bem que sua esposa disse .Que o senhor faz bagunça só na cozinha kkk, e eu achava que era só o meu esposo que fazia bagunça na cozinha. 😂😂😂😂

61 sem Responder

Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro - *prints* coletados no dia 28/12/2019.

Amplamente veiculado, o conteúdo da foto motivou manchetes que proliferaram já no momento seguido à postagem e posteriormente: “O ‘pão à Bolsonaro’, com leite condensado, ganha adeptos no Rio: padeiros e fregueses experimentam hábito inusitado do presidente eleito” (*O Globo*, 2018a) e “O que é o tal ‘pão à Bolsonaro’, que está dando o que falar nas redes” (Metro, 2018). A imagem da refeição matinal, rotineira e banal, viria a interferir no espaço físico e social com o lançamento do *pão à Bolsonaro*, que se tornou popular nas padarias cariocas, conquistando adeptos da alimentação pouco recomendável: o jornal *O Globo* (2018b) disponibilizou no *Youtube* matéria intitulada: “O nada saudável pão com leite condensado de Bolsonaro”, apresentando depoimentos de especialistas em nutrição e gastronomia, que manifestam desaprovação à *nova tendência alimentar* em ascensão.

Outra imagem colocada em circulação foi a da foto de 03 de novembro/2018, obtida no interior de uma barbearia localizada no subúrbio do Rio de Janeiro (ver Figura 2). O registro promoveu destaques como: “Bolsonaro vai a barbeiro no Rio e é recebido aos gritos por apoiadores” (UOL, 2018a). No *Instagram* do candidato, imagens de outras ocasiões em que ele cortava o cabelo (Figura 3)⁹ fornecem aos seguidores a oportunidade de identificação imediata: uma eleitora afirma residir nas proximidades do local, outra ainda garante ter cortado o cabelo com o mesmo profissional que atende o provável futuro presidente do país. O ambiente acanhado e despretensioso da barbearia enseja recorrentes comentários sobre o despojamento do cenário que revela hábitos modestos, a exemplar humildade de um expoente do mundo da política.

Figura 2: Bolsonaro na barbearia.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br>

⁹ Imagens de junho e julho de 2018; em acordo com dados coletados em 06 de janeiro de 2019, obtiveram respectivamente 139.120 curtidas e 2.319 comentários, e 105.136 curtidas e 2.596 comentários.

Figura 3: Bolsonaro na barbearia.



Fonte: Instagram @jairmessiasbolsonaro

Um momento não exatamente ligado à intimidade, mas a um ato público que, não obstante, se passa em palco de natureza doméstica, também merece menção: em sua residência, localizada na Barra da Tijuca, em um condomínio fechado, Bolsonaro – recém eleito presidente do Brasil – concede entrevista coletiva à imprensa (ver Figura 4). Operando como elementos indicadores de que a espontaneidade e despreocupação com aparências do candidato vitorioso transcendem a vida privada e estendem-se ao homem público, destacam-se o traje informal do entrevistado e, ainda, a figura prosaica de uma prancha de *bodyboard* funcionando como a necessária bancada de apoio aos microfones dos jornalistas e repórteres (ver Quadro 2). Completam o despojamento do ambiente: a cerca de madeira ao fundo, as rodas da bicicleta despontando sob a cobertura de plástico azul, a informalidade dos trajes do entrevistado. A improvisação e os elementos de caráter ‘familiar’ que perfazem a construção imagética, o cenário ambiental em que acontece o pronunciamento do presidente eleito, permitem supor que seu modo de governar eventualmente poderá vir a ser moldado no senso comum, pautado na bonomia, no discernimento popular: a publicação recebeu mais de 852.726 curtidas e 16.273 comentários ressaltando a simplicidade ali evidenciada (em acordo com o seguidor 05, seria tudo o que o “nós precisamos nos poderes”).

Figura 4: Coletiva de imprensa.



Fonte: Instagram @jairmessiasbolsonaro

Quadro 2: Comentários de seguidores.

Seguidor 05 Eu gosto de mais desse meu presidente viu usar uma prancha para apoiar o microfone e massa kkkk muito bom humildade e tudo que nós precisamos nos poderes
57 sem Responder

Seguidora 06 Os humildes agradam a Deus, 🙌🇺🇵 Parabéns Presidente ! 🙌🙌
57 sem Responder

Seguidora 07 Simplicidade da mesa...humildade 🙌🙌🙌🙌🙌
58 sem 1 curtida Responder

Fonte: Instagram @jairmessiasbolsonaro - prints coletados no dia 28/12/2019.

Manchetes estamparam os veículos de comunicação: “Um “detalhe” chamou atenção na primeira coletiva de Jair Bolsonaro: os jornais impressos foram barrados da primeira coletiva do presidente eleito, realizada nesta quinta (1º) na Zona Oeste do Rio de Janeiro” (Veja, 2018); “Coletiva de Bolsonaro foi improvisada em cima de prancha de bodyboard” (UOL, 2018b).

As imagens que alimentam e animam o imaginário do bolsonarismo – amparadas em figurativizações que sugerem naturalidade, autenticidade, singeleza – negam o estereótipo do homem de poder envergando terno e gravata, avesso a informalidades, cioso da privacidade que reveste seus interiores domésticos. Bem observadas, vê-se que as fotos divulgadas reiteram o operacional, a objetividade, a práxis do comum, corriqueiro; evocam ações elementares: *cortar* [o cabelo] / *improvisar* [uma entrevista] / *assistir* [ao futebol, à televisão] / *lavar* [a roupa, a louça] / *podar* [a árvore, a grama] / *preparar, servir, tomar* [o café] (ver Figura 5). Como um típico homem do povo, Bolsonaro, em sua rotina, mostra-se afeito ao *fazer* ele mesmo: é o dono da ação no dia a dia, permitindo supor que no exercício das funções do cargo público deverá adotar o mesmo tipo de comportamento: ágil, objetivo, descomplicado.

Figura 5: tarefas cotidianas.



Fonte: *Instagram* @jairmessiasbolsonaro – Divulgação/Assessoria.

As fotografias veiculadas por meio das redes sociais de Jair Bolsonaro e/ou divulgadas para a imprensa por sua assessoria constroem efeitos de sentido atrelados à espontaneidade, desafetação, inovação nos modos de se dar a ver das figuras políticas. Mdiatizadas, entretanto, as imagens adquirem os contornos da publicização de ‘si mesmo’, da autopromoção; nos termos preconizados por Landowski (2002, p. 203), emerge de tal moldura a vedete que “se coloca na frente, mostra tudo de sua pessoa, brilha de frente e de perfil”. Associando-se ao

individualismo exacerbado que marca a sociedade neoliberal¹⁰, a imagem ‘realista’ do privado, oposta ao teatro, algo impalpável e relativamente abstrato do coletivo, característico das reivindicações e lutas sociais, o bolsonarismo contrapõe-se a adversários políticos obstinados em dar-se a ver na ação comum do espaço público: Bolsonaro deliberadamente se mostra sob a ótica do ambiente doméstico – matizado, em certa medida, pela estética grotesca¹¹ que acompanha e potencializa a dinâmica do escancaramento [suposto] da intimidade cotidiana, da trivialidade algo obscena, configurada pela simplicidade, despojamento e mesmo desorganização (ver Figura 1), pela humildade (ver Figuras 2 e 3) e pelo improvisado (ver Figura 4).

2. Sintoma: o petismo em queda ascende o bufão?

Entendendo que as imagens que circulam socialmente estabelecem-se como processos comunicacionais, potencializando formas de vida e possibilidades estéticas, podemos assumir, a partir dos termos de Fontanille (2014, p. 65), que o conjunto de experiências interativas e de vida coletiva (o viver junto) integra a semiótica do objeto e denomina-se como “substâncias” associadas a um conjunto de conteúdos axiológicos e sensíveis (normas, valores e paixões) que, por sua vez, é chamado de “forma de vida”. O “conviver” nada mais é do que uma macroexperiência que pode ser analisada em experiências constituintes. Na perspectiva de Fontanille há uma categoria genérica do ser/estar junto, *agir com* ou *agir contra*, que poderá originar experiências interacionais em que “perseverar, na verdade, não é somente ‘continuar’, mas ‘continuar contra ou despeito de’ algo que impediria de continuar” (2014, p. 70).

Notemos que tanto o imaginário lulista quanto o imaginário bolsonarista tendem a ‘agir com’ e ‘agir contra’, continuando ‘apesar de’: o ex-presidente Lula persevera apesar das acusações de corrupção e outros crimes contra o Estado, e das condenações que se acumulam; e Bolsonaro, o então candidato presidencial, persiste a despeito do abalo sofrido em virtude do golpe de faca desfechado contra o próprio corpo durante ato de campanha.

O mandado de prisão de Lula é expedido pelo então juiz Sérgio Moro em 05 de abril de 2018, uma quinta-feira. Em meio a expectativas e veementes

¹⁰ Pierre Dardot e Christian Laval (2006) descrevem a racionalidade neoliberal como uma “jaula de aço” que tende a aprisionar o indivíduo submetido a uma lógica da concorrência introjetada em todas as esferas da vida, justapondo o público e o privado, ocasionando uma subjetivação disciplinar. Ou seja, o neoliberalismo exclui a experiência coletiva em prol de um sistema competitivo que individualiza e isola o sujeito.

¹¹ Para Mikhail Bakhtin (2008), o grotesco transgride seus próprios limites, degrada o clássico ao rebaixamento e é ao mesmo tempo negação e afirmação – sendo a degradação uma forma de regeneração. A estética grotesca contrapondo-se à clássica apresenta formas protuberantes, incompletas; suas manifestações são excessivas e exageradas enfatizando os opostos na linguagem: o sério e o cômico, o oficial e o subversivo, o antigo e o novo, o princípio e o fim. A carnavalização constituirá o grotesco, caracterizada pela aproximação do mundo com o homem e do homem com o homem, numa “grandiosa cosmovisão universalmente popular” (Bakhtin, 2005, p. 161), liberta da sisudez, da seriedade dos constrangimentos morais.

manifestações de apoios inflamados e protestos indignados de correligionários convictos da inocência do líder, o confinamento de Lula estava formal e oficialmente decretado, devendo o mesmo entregar-se à Polícia Federal em Curitiba, cidade sede das investigações, até o final da tarde da sexta-feira, 06 de abril. Em seguida ao veredicto, devidamente informado da notícia, o petista resiste e tenta alargar seus derradeiros momentos de liberdade abrigando-se durante quarenta e seis horas na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, na região do ABC paulista¹². Ali a agenda de Lula, antes de partir rumo ao cumprimento da sentença estipulada por Moro, transcorreu marcada pela celebração de uma missa-ato em homenagem a sua esposa, Marisa Letícia, falecida em 2017, e por um extenso discurso por ele proferido junto a aliados políticos e à aglomeração do povo que se organizara no entorno do Sindicato em apoio ao líder político. Bradando a liderança (algo em declínio, diga-se), Lula tentava reerguer-se encarnando no eloquente discurso proferido no momento em que estava para ser, já então no sábado 07 de abril, conduzido à prisão: em suas palavras, definia-se não um ser “humano, mas uma ideia, uma ideia misturada com a ideia do povo”; e garantia: “Eu vou cumprir o mandado, e vocês vão ter de se transformar, cada um de vocês, vocês não vão se chamar Chiquinho, Zezinho, Joãozinho, Albertinho... Todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que vocês têm que fazer – e é todo dia! Todo dia!” (Silva, 2019, p. 220).

Por sua vez, Bolsonaro, líder ascendente esculpido pelo fio da faca que o ferira, também em 2018, quando agredido durante um comício, em contraposição ao líder petista – vociferando ereto e depois alçado às alturas nos braços da multidão – exibia o corpo ferido, estendido no leito hospitalar: o homem que leva *Messias* no nome estava santificado pela situação de vítima – instaurada tanto por meio do ato de violência sofrido quanto pela manipulação midiática de sua imagem vulnerável. Logo, enquanto a última imagem que temos de Lula antes de encaminhar-se para o cárcere é a de um homem em situação de veneração nos braços do povo (ver Figura 6), Bolsonaro usufrui da imagem de sofredor carregado também pela multidão, pelo povo do qual alardeava fazer parte, ou seja: tanto quanto seus eleitores, sofre os efeitos da violência a que esses estão sujeitos. Ao ser esfaqueado, padece no corpo os resultados de uma sociedade em crise, perversa e sem segurança (ver Figura 7). Lula, mesmo aviltado, exhibe o corpo são e rígido (Figura 8), profere o discurso da resistência – “eu vou lá na barba deles pra eles saberem que eu não tenho medo, que eu não vou correr, e para eles saberem que eu vou provar minha inocência” (Silva, 2019,

¹² O local é tido como simbolicamente representativo da luta e resistência de Lula; em 1980, durante a ditadura no Brasil, o sindicalista fora preso por presidir a entidade e liderar greves.

p. 2020); já Bolsonaro, abatido, exhibe a corporeidade abalada e compartilha imagens suas na cama do hospital (ver Figura 9).

Figura 6: Lula e o povo.



Fonte: *Instagram* @franciscoproner

Figura 7: Bolsonaro e o povo.



Fonte: <https://www.bbc.com>

Figura 8: Lula resistente.



Fonte: Ricardo Stuckert – *Brasil de Fato*.

Figura 9: Bolsonaro fragilizado.

Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-permanece-na-uti-e-vai-reiniciar-fisioterapia-diz-hospital/>

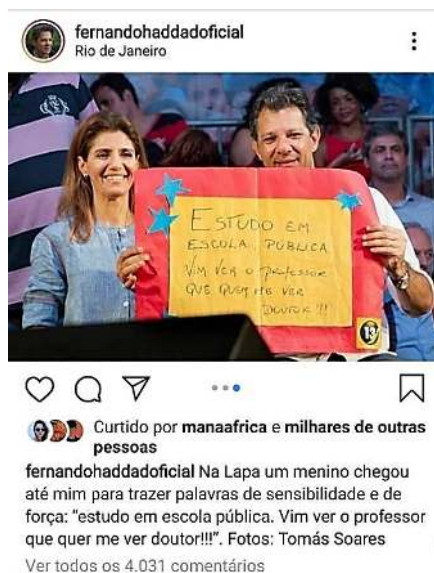
Com a prisão de Lula, a candidatura à presidência da república do Partido dos Trabalhadores é colocada em suspensão, aguardando resultados dos recursos que contestavam a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a qual, contrariando explícita recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU), negaria a participação de Luiz Inácio Lula da Silva no pleito. Confirmada a impossibilidade, o petista Fernando Haddad – advogado, professor universitário e ex-prefeito de São Paulo – assume a liderança da chapa juntamente com Manuela d’Ávila, jornalista e deputada estadual pelo Rio Grande do Sul, filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), postulando o lugar da vice-presidência. Nesse cenário, o PT trabalharia com a justaposição das figuras de dois homens, lançando a campanha *Lula é Haddad / Haddad é Lula*. Em tal contexto, o imaginário bolsonarista viria a beneficiar-se dessa dita fusão dos dois políticos petistas, transferindo para Haddad o alvo de toda a artilharia da campanha articulada contra Lula. Se Haddad era Lula, para determinados eleitores ele representaria as benfeitorias e avanços conquistados pelo ex-presidente; já para outros, figurativizaria a desgraça de um país em frangalhos, comandado a partir do cárcere.

Assim, durante as eleições, o imaginário bolsonarista viria se contrapor ao imaginário petista principalmente, entre outras, nas seguintes articulações: 1) ataque de Bolsonaro a iniciativas do Ministério da Educação e Cultura (MEC) por meio da validação de *fake news* responsabilizando o órgão pela disponibilização do dito *kit gay*, que incluiria uma “mamadeira de piroca” a ser distribuída nas escolas durante o governo do PT (o próprio candidato, durante a campanha, em entrevista ao *Jornal Nacional* [da Rede Globo de Televisão], exibiu o exemplar de um livro que, segundo ele, seria parte integrante do *kit gay* – o que foi imediatamente desmentido pelo MEC e pela editora da obra); 2) proposital

adoção, por Bolsonaro, de postura isolacionista que seria (induzida e convenientemente) ressignificada e construída como atitude de humildade. O candidato do Partido Social Liberal, poderia, assim, angariar apoio das classes que se sentiam excluídas (prováveis eleitores que não se viram contemplados pelos investimentos educacionais da chamada *Era Lula*).

Haddad, por sua vez, o candidato do Partido dos Trabalhadores, rememora em aparições públicas as realizações promovidas enquanto atuara como Ministro da Educação – recebe de uma criança um cartaz ostentando a frase: “Estudo em escola pública. Vim ver o professor que quer me ver doutor” (ver Figura 10) e ganha o apoio de artistas e intelectuais – o que pode ser vislumbrado na seguinte seleção de imagens: na fotografia divulgada no *Instagram* @fernandohaddadoficial, em que o candidato surge acompanhado dos músicos como Caetano Veloso, Mano Brown e Chico Buarque; na foto publicada no perfil da atriz Leandra Leal, divulga-se a adesão ao movimento *vira voto*¹³ (ver Figura 11). Durante a votação, eleitores de Haddad foram às urnas carregando livros nas mãos e diversas figuras públicas manifestaram apoio ao candidato em suas respectivas redes sociais – a exemplo da Figura 12, que exhibe as atrizes Camila Pitanga e Juliana Alves, acompanhadas das filhas, sugerindo que o voto em Haddad seria pelo futuro da educação e da cultura, o lado certo da história (nos perfis @caiapitanga e @julianaalvesiam).

Figura 10: Haddad em campanha.



Fonte: *Instagram* @fernandohaddadoficial

¹³ O segundo turno é tomado pela militância de eleitores da esquerda articuladores do movimento *vira voto* – aderindo à causa e saindo às ruas para conversar com os indecisos; artistas ocupam lugares públicos para promover compartilhamentos em prol da democracia representada por Fernando Haddad.

Figura 11: Artistas em campanha.



Fonte: Instagram @fernandohaddadoficial e @leandraleal

Figura 12: Eleitoras de Haddad.



Fonte: Instagram @caiapitanga e @julianaalvesiam

É possível tratarmos da oposição que se estabelece nas imagens dos candidatos à presidência da república nas eleições de 2018 veiculadas nas mídias a partir de seus elementos de ordem estética – que dão a ver uma extrema-direita movida pela *autenticidade/isolacionismo*, suportada por Jair Bolsonaro (capitão aposentado do exército, deputado por 27 anos) e estabelecem a imagem do candidato bufão [nos termos de Landowski (2002)]; e uma esquerda movida

pela valorização da *educação/ação comum* – associada à atitude heroica [igualmente na perspectiva de Landowski (2002)] do ‘estar junto’ –, suportada por Fernando Haddad (docente pesquisador da Universidade de São Paulo e do Instituto de Ensino e Pesquisa / Insper; ex-ministro da Educação entre 2005-2012; ex-prefeito de São Paulo de 2013 a 2016).

Diferentemente do *Instagram* de Bolsonaro, que colocava em evidência imagens triviais do cotidiano, principalmente atreladas ao ambiente doméstico, a rede social de Haddad privilegiava imagens da campanha eleitoral, especialmente aquelas conectadas ao espaço público. Enquanto o discurso de Haddad valoriza políticas de incentivo à educação, o de Bolsonaro defende estratégias de policiamento e segurança a serem garantidas “na bala”: o livro viria a se tornar o objeto simbólico da trajetória de Haddad; uma arma (a dita “arminha”) simulada com as mãos, viria a constituir-se no símbolo de Bolsonaro. Desgastada, a roupagem de heroísmo dada pela ação comum do lulismo, representado por Fernando Haddad, esgarça-se ainda mais ao insistir em uma ordem democrática que privilegia propostas pouco atraentes e irrelevantes para uma parcela dos eleitores bolsonaristas, que ao negar o sistema político vigente renunciam até mesmo a seus próprios direitos¹⁴; já o bolsonarismo, exacerbado na vivacidade deliberadamente barulhenta da figura do bufão, firme na negação do *status quo* e frouxo na defesa de preceitos de natureza efetivamente democrática, enverga o figurino da renovação e acaba culminando na vitória eleitoral de Jair Bolsonaro.

Considerações finais: desteatro e desfecho

O presente estudo centrou-se no exame de elementos estéticos que perfazem a construção de um imaginário político centralizador de uma liderança que, não obstante estar inserida em patamares superiores do plano político, atualiza-se como figura humilde, sempre pronta a expor espontaneidades e trivialidades de seu cotidiano, buscando fazer-se *próxima e igual* a seus eleitores. Bolsonaro toma o dia-a-dia e seus concernentes afazeres corriqueiros como estratégia de *marketing*: puerilidades como saborear um copo de café ou deixar-se flagrar acomodado à cadeira da barbearia suburbana para cortar os cabelos revestem-se de apelo identificatório, adquirem espessura afetiva e transformam-se em ações *admiráveis*. Tal tática, que não é gratuita, muito menos carente de sentido, obtém sucesso na maximização do número de eleitores adeptos ao minimizar e desqualificar o já em franco declínio sistema político e sua esmaecida

¹⁴ Em maio de 2019 Abraham Weintraub, ministro da educação no governo Bolsonaro, anunciou o bloqueio de 30% das verbas destinadas às universidades públicas, além do corte expressivo de bolsas destinadas às pesquisas. No dia 15 do mesmo mês, quando aconteceu a *Greve Geral da Educação*, o presidente do país chamou os manifestantes de “massa de manobra” e “idiotas úteis”; pouco depois, em 26 de maio, recebeu o apoio de simpatizantes, que foram às ruas para apoiar suas proposições de reformas.

liderança adversária, contrapondo-se radicalmente a qualquer tipo de postura ou ação que lhe poderia, implícita ou explicitamente, ser alusiva.

Nessa empreitada, o bolsonarismo encarna os preceitos do *bufão* que se dispõe a levar o populismo até o limite da caricatura, adquirindo popularidade não apenas por aquilo que é (ou poderia *vir a ser*), mas muito mais pelo que não é (ou poderia *vir a não ser*). Atuando em prol do repúdio e escárnio a um sistema político que busca colocar-se em evidência pelo comunitarismo de ações de caráter predominantemente público, o bolsonarismo e seu bufão esvaziam discursos, colocando em dúvida a credibilidade da atividade política enquanto universo de sentido, assim beneficiando-se do desgaste do poder público instituído justamente para lograr chegar a protagonizar tal poder: substitui-se “uma convenção cenográfica por outra” – a estética da polida politicidade e da discrição protocolar pela estética do ordinário, do escracho, da grosseria acintosa, daquilo que é tido como mau gosto – “se a primeira se mostrava explicitamente como representação, a segunda, por sua vez, procura enganosamente negar-se como tal. O que, no primeiro grau, era tão-somente convenção transforma-se, então, no segundo, em ilusão” (Landowski, 2002, p. 207).

Logo, não é o “heroísmo” (a ação, o desempenho de caráter comunitário, coletivo) da combatida liderança petista que se sobrepõe; é a atuação, o *fazer* de contornos individualistas de Bolsonaro que consegue destaque e credibilidade popular, pois no período de crise em que a própria política é posta em questão, a *representação* do homem público, do ator político e seus respectivos feitos não pode parecer ou evocar a ideia de encenação: assim como a manipulação do cotidiano *comum a qualquer um* nas redes sociais, a fachada que coloca a vida do candidato em risco nega com veemência a situação de representação. A lâmina afiada corta o ato teatral, a concretude da faca pesada derruba o palco/palanque, acentuando as condições circunstancialmente propícias à renúncia de heroísmos impalpáveis em favor da objetividade tangível, da imediatez crua e direta do bufonismo prosaico, ao alcance da mão. O ‘teatro do *destreató*’. Ao alimentar-se do antissistêmico vitaminado com o antipetismo, o bolsonarismo adquire robustez e consegue êxito transformando posturas atreladas ao amadorismo, ao improvisado e ao isolacionismo em atributos preciosos, indispensáveis ao ocupante da cadeira, agora não mais apenas da barbearia do bairro, mas a da presidência do país. No planalto central. ●

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FISCHER, Sandra; VAZ, Aline; PRADO JÚNIOR, Tarcis. Brasil – Eleições 2018: apontamentos sobre o imaginário 'Lula é Haddad, é o povo'. *Revista FAMECOS*, v. 26, n. 3. PUC-RS, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/32593> . Acesso em: 27 mai. 2020.
- FONTANILLE, Jacques. Quando a vida ganha forma. In: NASCIMENTO, E. M.; ABRIATA, V. L. R. (orgs.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Editora Coruja, 2014. p. 55- 85.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
- LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, n. 8. São Paulo: PUC-SP, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1392> . Acesso em: 23 mai. 2020.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, v. 8, n. 15. 2001. p. 74-82. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395> . Acesso em: 23 mai. 2020.
- MUDDE, C.; KALTWASSER, Cristobal Rovira. *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press, 2017.
- METRO. "O que é o tal 'pão à Bolsonaro', que está dando o que falar nas redes". 2018. Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/social/2018/11/07/pao-a-bolsonaro-o-que-e.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- O GLOBO. O nada saudável pão com leite condensado de Bolsonaro. 2018b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S3UVy6qV7tc>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- O GLOBO. "O 'pão à Bolsonaro', com leite condensado, ganha adeptos no Rio". 2018a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/o-pao-bolsonaro-com-leite-condensado-ganha-adeptos-no-rio-23216196>>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- PARZIANELLO, Geder Luis. O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, v. 12, n. 36. São Paulo: PUC-SP, 2020. p. 49-64. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/46439> . Acesso em: 23 mai. 2020.
- SENADO. Em discurso no plenário, o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) disse... 2014. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

SILVA, Luiz Inácio Lula. *A verdade vencerá: o povo sabe por que me condenam*. Organização Ivana Jinkings; Colaboração Gilberto Maringoni, Juca Kfourir, Maria Inês Nassif; Textos Eric Nepomuceno. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

UOL. “Um capitão no Planalto: embalado por antipetismo, Jair Bolsonaro chega à Presidência com missão de ‘dar um jeito no país’”. 2018. Disponível em: <<https://www.uol/eleicoes/especiais/jair-bolsonaro-eleito-presidente-eleicoes-2018.htm#um-capitao-no-planalto>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

UOL. Bolsonaro vai a barbeiro no Rio e é recebido aos gritos por apoiadores. 2018a. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/11/03/bolsonaro-vai-a-barbeiro-preferido-e-e-recebido-aos-gritos-por-apoiadores.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

UOL. Coletiva de Bolsonaro foi improvisada em cima de prancha de bodyboard. 2018b. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/11/01/coletiva-de-bolsonaro-foi-improvisada-em-cima-de-prancha-de-bodyboard.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

VEJA. “Um ‘detalhe’ chamou atenção na primeira coletiva de Jair Bolsonaro: os jornais impressos foram barrados da primeira coletiva do presidente eleito, realizada nesta quinta (1º) na Zona Oeste do Rio de Janeiro”. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/um-detalhe-chamou-atencao-na-primeira-coletiva-de-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

No stage, no platform?

notes on hero and buffoon figures in Brazilian politics imaginary

 SANDRA, Fischer

 VAZ, Aline

Abstract: The article deals with aesthetics procedures related, according to socio-semiotic studies, to the buffoon and the hero profiles (Landowski, 2002) – examining selected images, posted on social networks or published in the news media. In 2018, Jair Bolsonaro, candidate of the Partido Social Liberal (PSL), takes advantage of an aesthetics connected to the domestic and impromptus, making himself largely known for a buffoonish style, as an isolated opponent to the so-called lulismo, a left-wing political phenomenon attached to Luiz Inácio Lula da Silva, leader of the Partido dos Trabalhadores (PT), who associates himself to heroic standards through an aesthetics related to 'being together with others' in communitarian, collectivist actions. The study presents reflections on the bolsonarista imaginary in opposition to the lulista imaginary.

Keywords: Brazil; bolsonarismo; lulismo; buffoon and hero.

Como citar este artigo

SANDRA, Fischer; VAZ, Aline. Sem palco nem palanque? Apontamentos sobre as figuras do herói e do bufão no imaginário da política brasileira. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. São Paulo, abril de 2021, p. 82-106. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SANDRA, Fischer; VAZ, Aline. Sem palco nem palanque? Apontamentos sobre as figuras do herói e do bufão no imaginário da política brasileira. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1 São Paulo, abril 2021, p. 82-106. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 10/11/2020.

Data de aprovação do artigo: 14/02/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

